



## **As características musicais da comunicação entre adulto e bebê e suas implicações no desenvolvimento cognitivo musical da criança no primeiro ano de vida**

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

*Marcy de Lima Santos*

*Universidade Federal de Minas Gerais – cisalim@msn.com*

*Maria Betânia Parizzi*

*Universidade Federal de Minas Gerais – betaniaparizzi@hotmail.com*

**Resumo:** Este estudo teórico-bibliográfico investigou as características musicais da comunicação entre adulto e bebê durante o primeiro ano de vida e suas implicações no desenvolvimento cognitivo musical deste. Após o estudo das teorias de Piaget (1987/1966), Vygotsky (1984), Winnicott (1996), Wallon (1975), Spitz (1987), Delalande (1995), Gordon (2000) e das pesquisas de Parizzi (2009), Beyer (2008), Carneiro (2006) e Stahlschmidt (2002), foram feitas conexões destas com o conceito de *musicalidade comunicativa* (MALLOCH, 1999/2000) e *parentalidade intuitiva* (PAPOUSEK M.; PAPOUSEK H., 1996). Foi identificado que há interlocução das teorias e pesquisas com os dois conceitos.

**Palavras-chave:** Interação bebê/adulto. Musicalidade comunicativa. Parentalidade intuitiva. Desenvolvimento cognitivo musical.

**The Music Characteristics of Communication between Adult and Baby and their Implications on the Music Cognitive Development of Child on the First Year of Life**

**Abstract:** This is a bibliographic-theoretical survey about the characteristics of the communication between adults and baby, from zero to twelve months years old, and their influences on child's musical cognitive development. After the study of theories of Piaget (1987/1966), Vygotsky (1984), Winnicott (1996), Wallon (1975), Spitz (1987), Delalande (1995) and Gordon (2000) and the researches of Parizzi (2009), Beyer (2008), Carneiro (2006) and Stahlschmidt (2002), connections were done every these with the concepts of *communicative musicality* (MALLOCH, 1999/2000) and *intuitive parenting* (PAPOUSEK M.; PAPOUSEK, H., 1996). A dialogue was observed between these two concepts with the ideas of the authors of theories and the researches.

**Keywords:** Baby and adult's interaction. Communicative musicality. Intuitive parenting. Musical cognitive development.

### **Introdução**

O interesse em estudar as influências da música no desenvolvimento do bebê é consequência de minha experiência de 15 anos, como professora de música para esta faixa etária. Surgiram então, as seguintes indagações: por que eu me relaciono tão bem com os bebês durante as aulas de música, sem a utilização da linguagem falada; qual ou quais são os elementos fundamentais para que a comunicação entre adulto e bebê aconteça; qual a importância dessa interação para o desenvolvimento cognitivo musical do bebê de zero a doze meses?

Estabelecemos, então, três pilares teóricos para fundamentar esta pesquisa. O primeiro foi elaborado a partir de teorias que tratam do desenvolvimento cognitivo e emocional do bebê no primeiro ano de vida, o segundo foi organizado de acordo com as teorias e pesquisas acerca do desenvolvimento musical do bebê durante o mesmo período, o terceiro buscou descrever a competência comunicativa dos bebês e o comportamento dos pais e cuidadores em relação ao infante no primeiro ano de vida.

Inicialmente foram estudadas as teorias de desenvolvimento cognitivo de Jean Piaget (1987/1966), do desenvolvimento intersocial de Vygotsky (1984), do desenvolvimento emocional de Donald Winnicott (1996) e Henry Wallon (1975) e de Spitz (1987), considerando-se a faixa etária estudada, ou seja, crianças de zero a 12 meses. Em seguida, foram colocados os pontos específicos levantados pelos cinco autores que remetem à competência do bebê para se comunicar com o mundo desde seu nascimento. A seguir o desenvolvimento musical dos bebês foi investigado segundo as teorias de François Delalande (1995) e de Edwin E. Gordon (2000). Buscou-se também mostrar os pontos de convergência e as especificidades dos dois autores sobre as competências musicais inatas do bebê e a atuação do adulto para favorecer o desenvolvimento deste.

Quatro pesquisas empíricas realizadas no Brasil sobre o desenvolvimento cognitivo-musical de bebês, com ênfase em questões vocais (PARIZZI, 2009), sensório-motoras (CARNEIRO, 2006), intersociais e emocionais (BEYER, 2008; STAHLSCHMIDT, 2002) foram analisadas e comparadas. Pontos comuns dos estudos das quatro autoras em relação à competência dos bebês de se comunicar por meio de recursos musicais e a relevância da atuação do adulto neste contexto foram estabelecidos.

Posteriormente, os conceitos de *musicalidade comunicativa* (MALLOCH, 1999/2000) e de *parentalidade intuitiva* (PAPOUSEK M; PAPOUSEK, H, 1996) foram apresentados e em seguida buscou-se encontrar na fundamentação teórica estudada, alguma forma de conexão com esses dois últimos conceitos, procurando responder à seguinte pergunta: até que ponto a *musicalidade comunicativa* e a *parentalidade intuitiva* estão presentes, explícita ou implicitamente, em Piaget (1987/1966), Vygotsky (1984), Winnicott (1996), Wallon (1975), Spitz (1987), Delalande (1995), Gordon (2000), Carneiro (2006), Beyer (2008), Parizzi (2009) e Stahlschmidt (2002)? Foram também discutidas as implicações desses dois conceitos no desenvolvimento cognitivo-musical do bebê, a partir das teorias de Gordon (2000) e Delalande (1995) e das pesquisas de Parizzi (2009), Carneiro (2006), Beyer (2008) e Stahlschmidt (2002).

### **Convergências entre os autores de cada pilar**

Os cinco autores estudados, Piaget (1987/1966), Vygotsky (1984), Winnicott (1996), Wallon (1975) e Spitz (1987) apresentam um ponto comum, bastante significativo: o bebê, desde o nascimento, manifesta competências para se comunicar com o meio ambiente. Também reconhecem que, apesar dessa competência aparentemente inata para interagir com o mundo, a criança necessita de um ambiente favorável que a estimule.

Como a criança aprende música é o ponto comum das pesquisas sobre o desenvolvimento musical da criança de François Delalande (1941) e Edwin Gordon (1925). A partir da ideia de que “a música é um jogo de crianças”, Delalande (1995, p.17) demonstra que ocorre um diálogo interno quando o sujeito (tanto o bebê quanto um virtuoso instrumentista) relaciona-se com o objeto sonoro. Esta relação é o que o autor denomina de “jogo”, quando as variações gestuais determinam variações sonoras (idem.). A partir da comparação entre a aprendizagem da língua materna (1ª língua falada por uma pessoa) com a aprendizagem da música, Gordon (2000, p. 309) desenvolve sua teoria da aprendizagem musical. Após investigações sobre o desenvolvimento cognitivo do ser humano, este autor, pediatras, biólogos e psicólogos apresentaram a seguinte conclusão:

[...] há períodos cruciais, associados com surtos de desenvolvimento de conexões neurológicas e sinapses que ocorrem no período pré-natal e durante a primeira infância, quando a natureza fornece a criança uma superabundância de células para fazer essas conexões, antes e em períodos cruciais após o nascimento (GORDON, 2000. p. 306).

Foi possível identificar que as teorias de Delalande (1995) e Gordon (2000) apresentam pontos importantes de convergências e algumas questões que são específicas de cada um dos autores. Uma das ideias convergentes mais significativas dos dois autores refere-se à existência de uma potencialidade musical inata do bebê que para ambos pode ser estimulada a partir da ampliação da percepção auditiva. Outra similaridade destes autores refere-se à possibilidade da musicalização do bebê ser estimulada no ambiente familiar. A voz do adulto, tanto para Gordon quanto para Delalande, é um recurso para estimular a musicalidade do bebê. Porém, segundo Delalande, o adulto pode usá-la como estímulo durante os períodos de vocalizações espontâneas do bebê, já para Gordon (2000, p. 307) a voz deve ser usada para entoar melodias para o bebê (sem palavras). Gordon e Delalande apresentam considerações similares referente ao desenvolvimento musical, ambos o consideram como um processo cumulativo. Em relação às especificidades das teorias de Delalande e Gordon, apontamos a ênfase dada por Gordon à exposição do bebê ao canto do adulto, ao passo que Delalande tem como ponto de partida para seu trabalho a manipulação de

fontes sonoras. Gordon (2003, p. 61), por sua vez, parte do princípio de que o aprendizado musical do bebê deve acontecer de forma análoga à aprendizagem da língua materna. Por esta razão, ele enfatiza a importância do canto que deve ser entoado pelo adulto para o bebê, devendo ser acompanhado por movimentos contínuos, fluidos e expressivos.

As investigações brasileiras sobre o desenvolvimento musical e sensório-motor da criança de zero a dois anos (CARNEIRO, 2006); as vocalizações e o canto espontâneo (PARIZZI 2009); a influência da interação do adulto no desenvolvimento do bebê (BEYER, 2008) e a música como objeto preventivo de distúrbios nas relações mãe-bebê (STAHLSCHMIDT, 2002) mostram o desenvolvimento musical do bebê a partir da interferência de adultos e apresentam algumas características comuns. Todas elas reconhecem que o desenvolvimento cognitivo-musical do bebê ocorre a partir dos estímulos que os adultos lhe proporcionam durante o processo de comunicação entre estes. Apesar das quatro pesquisas apresentarem focos diferentes, todas apontam para a relevância da presença de um adulto interativo com o bebê.

### **A parentalidade intuitiva e a musicalidade comunicativa**

Pesquisas realizadas no contexto sociocultural das crianças têm elucidado a importante atuação dos pais e cuidadores como “professores competentes” da língua materna, e como mediadores das influências culturais (PAPOUSEK, H. 1996, *apud* PARIZZI, 2009). Este comportamento, denominado por alguns autores como *parentalidade intuitiva* (PAPOUSEK M., 1996), pode ser definido como “uma habilidade dos adultos para proteger, alimentar, estimular e ensinar as características de uma dada cultura a seus bebês” (SHIFRES, 2007, p. 15).

Estudos têm revelado que os bebês, mesmo antes dos três meses, já são capazes de desenvolver “protoconversas expressivas” com seus pais ou cuidadores (MALLOCH; TREVARTHEN, 2009, p.1). Os recém-nascidos buscam ativamente essa forma de comunicação, a qual se mostra essencial para seu desenvolvimento cognitivo. Desde cedo, pais e bebês compartilham de um “alfabeto pré-linguístico”, que possui características claramente musicais, utilizando alterações de timbre, altura e contornos melódicos; mudanças de intensidade e de acentuações; padrões temporais e rítmicos específicos (MALLOCH; TREVARTHEN, 2009, p. 4). Quando interagem com o bebê, os adultos, além de expandir a frequência de sua fala, de sete semitons para duas oitavas, tornando-a mais aguda, também utilizam um andamento mais lento, fazem longas pausas, falam ritmicamente, além de utilizarem segmentos de frases curtas (FERNALD e SIMON, 1984, *apud*. PAPOUSEK M.

2006, p. 92). Essa forma de falar com o bebê é o “manhês” (PAPOUSEK M., 1996, p. 96). Assim, pais e cuidadores das mais diversas culturas, através da *parentalidade intuitiva*, apresentam aos bebês modelos de sons vocais, estimulam a imitação desses sons, recompensam os bebês por sua atuação e, didaticamente, ajustam essa intervenção às possibilidades de vocalização da criança naquele momento (PAPOUSEK M., 1996, p. 97).

Além da importância linguística das características musicais da fala dirigida aos bebês através da *parentalidade intuitiva*, essas características parecem também exercer influências na capacidade de comunicação não linguística do bebê, assim como na experiência de si mesmo e do mundo, através de uma pré-disposição por compartilhar impulsos, interesses, ações e significados com o adulto (MALLOCH, 1999/2000, p.1). “Muitos dos aspectos identificados nessas condutas são altamente explorados na música, como pulso, melodia, timbre e narrativa” (MALLOCH, 1999/2000, p. 4). A partir deste contexto, Stephen Malloch (1999/2000, p. 29-52) chegou ao conceito de *musicalidade comunicativa*: “uma habilidade inata e universal que se ativa ao nascimento, vital para a comunicação entre as pessoas, que se caracteriza pela capacidade de se combinar o ritmo com o gesto, seja ele motor ou sonoro”. Assim como a linguagem oral de cada cultura facilita a interação e a troca de informações entre as pessoas, além de preservar as expressões de arte e de afeto, a *musicalidade comunicativa* proporciona condições suficientes de rica interação entre as mães e seus bebês.

O diálogo entre mãe e bebê, apesar de não apresentar as palavras referentes de uma cultura, apresenta regularidade como em um diálogo entre duas pessoas adultas, em que há frases alternadas e sincronizadas. Por causa de tal semelhança, a interação oral entre mãe e bebê foi nomeada de “protoconversa”, ou seja, um esboço de conversa (BEEBE et.al.1985; JAFFE, et.al.,1973; TRONICK et.al., 1980, *apud*. MALLOCH, 1999/2000, p. 31). Entretanto é importante observar que as palavras usadas por pais não tem significado literal para o bebê, a expressividade e a intencionalidade afetiva são demonstradas por estes adultos, através da fala e gestos, onde estão incutidos vários recursos musicais: “o pulso, a qualidade e a narrativa” (MALLOCH, 1999/2000, p. 30).

### **Resultados finais**

Neste estudo foi possível constatar que os conceitos de *musicalidade comunicativa* (MALLOCH, 1999/2000) e *parentalidade intuitiva* (PAPOUSEK M. e PAPOUSEK H, 1996) estão de alguma forma presentes nas teorias de Piaget (1987/1966), Vygotsky (1984), Winnicott (1996), Wallon (1975) e Spitz (1987).

AUTOR	MUSICALIDADE COMUNICATIVA	PARENTALIDADE INTUITIVA
Piaget (1987/1966)	Bebê imita sons e se movimenta	Estímulo do contexto
Vygotsky (1984)	Fala socializante	Mediação de pessoa mais experiente
Winnicott (1996)	Impulso vital	Mãe suficientemente boa
Wallon (1988)	Desejo inato de sobrevivência	Fala e gestos imbuídos de afetividade
Spitz (1987)	Mensagens afetivas	Processos de modelagem

Quadro1: Termos ou expressões adotados por Piaget (1987/1966), Vygotsky (1984), Winnicott (1996), Wallon (1975) e Spitz (1987) que podem ter significados similares aos conceitos de *musicalidade comunicativa* (MALLOCH, 1999/2000) e *parentalidade intuitiva* (PAPOUSEK M. e PAPOUSEK H., 1996).

As teorias de Gordon (2000) e Delalande (1995) e as pesquisas de Parizzi (2009), Beyer (2008), Carneiro (2006) e Stahlschmidt (2002) apresentam focos específicos: (a) a aptidão musical inata do ser humano não garante o desenvolvimento musical deste (GORDON, 2000); (b) o ser humano é curioso e um explorador inato de sons (DELALANDE, 1995); (c) as manifestações vocais da criança têm uma evolução previsível e desenvolvem-se em três níveis, quando há participação inconsciente e intuitiva de pais e cuidadores (Parizzi 2009); (d) a falta de iniciativa do bebê diante das atividades musicais está relacionada ao pouco envolvimento do adulto com o bebê e com as atividades propostas nas aulas de música (BEYER, 2008); (e) o amadurecimento do bebê, demonstrado ao longo de seu desenvolvimento sensório-motor, se manifesta nas aulas de música (CARNEIRO, 2006); (f) a música cantada pela mãe, juntamente com suas ações de cuidados, são elementos estimuladores do desenvolvimento vocal e psíquico do bebê (STAHLSCHEMIDT, 2002).

Entretanto é preciso considerar que, apesar das abordagens serem diferentes, tanto dos teóricos, Delalande (1995) e Gordon (2000), quanto das quatro pesquisadoras, suas ideias não se contradizem, mas se complementam. Delalande (1995) e Gordon (2000) consideram as competências inatas do bebê e a atuação consciente do adulto como elementos cooperadores e responsáveis pelo contínuo e progressivo desenvolvimento musical do infante. Apesar de Gordon (2000) não ter se referido ao conceito de *musicalidade comunicativa*, reconhece que o bebê apresenta uma natureza musical, que precisa ser alimentada desde o nascimento. Delalande (1995) enfatiza que a escuta do bebê associada a seus movimentos e gestos funcionam como canais que favorecem o seu desenvolvimento cognitivo-musical. Beyer (2008) demonstra em sua pesquisa como a ausência da interação do adulto (pais/cuidadores) com o bebê pode provocar também a falta de envolvimento deste com as atividades musicais. Podemos especular que não ocorreu estímulo da *musicalidade comunicativa* dessas crianças

por parte do adulto, isto é, não ocorreu a atuação deste no que se refere à *parentalidade intuitiva*. Carneiro (2006) demonstra que pode ocorrer exatamente o contrário, ao bebê inserido em um contexto de aprendizagem musical, onde há a participação do adulto, juntamente com o professor de música. Além dos estímulos inconscientes dos pais, apontados como uma das características da *parentalidade intuitiva* há também o estímulo consciente da professora. Podemos constatar que a *musicalidade comunicativa* foi alimentada de forma intensa.

O reconhecimento da capacidade vocal dos bebês e da pré-disposição dos pais de estimularem seus bebês são fatores relevantes para desenvolvimento vocal que evolui significativamente no primeiro ano de vida, segundo Parizzi (2009). Ao descrever os três níveis de competência vocal dos bebês, Parizzi (2009) demonstra os diferentes níveis de diálogos entre pais e bebês, quando a linguagem pré-verbal é utilizada. Assim Parizzi (2009) apresenta a *musicalidade comunicativa*, característica inata do bebê, sendo edificada e transformada por comportamentos dos pais, que são característicos da *parentalidade intuitiva*.

A música, os sons e os gestos manifestados pela mãe ou cuidador para com o bebê são responsáveis por favorecer a estrutura psíquica do bebê, segundo Stahlschmidt (2002). Podemos substituir estas ações maternas pela expressão *parentalidade intuitiva*, já que são idênticas às considerações de Papousek e Papousek (1996), sobre o comportamento dos pais no primeiro ano de vida. As respostas do bebê diante de sua mãe ou cuidador, descritas por Stahlschmidt (2002) também podem ser chamadas de *musicalidade comunicativa*, por que, por meio de gestos e vocalizações, o bebê responde aos apelos comunicativos do adulto.

Assim, a partir das relações estabelecidas entre os conceitos de *musicalidade comunicativa* e *parentalidade intuitiva* com as teorias de Piaget (1987/1966), Vygotsky (1984), Winnicott (1996), Wallon (1975) e Spitz (1987) acerca do desenvolvimento cognitivo e emocional do bebê e das ideias de Gordon (2000), Delalande (1995), Carneiro (2006), Beyer (2008), Parizzi (2009) e Stahlschmidt (2002) acerca do desenvolvimento musical do bebê, foi possível encontrar respostas para as questões que me motivaram a realizar esta pesquisa.

### **Conclusão**

Este estudo teórico-bibliográfico esclareceu sobre as possíveis razões, que torna fluente e espontânea a minha interação com os bebês em sala de aula. Percebi que o meu comportamento em relação às crianças é determinante neste processo. Na verdade, tenho exercido a *parentalidade intuitiva* (PAPOUSEK, 1996) durante minhas aulas. Procuo agir de forma análoga à maneira como os pais e cuidadores agem com seus bebês, conforme



mencionado neste trabalho e consequentemente ativo a *musicalidade comunicativa* inata das crianças.

## Referências

- BEYER, Esther. A importância da interação no desenvolvimento cognitivo musical: um estudo com bebês de 0 a 24 meses. **Anais do SIMCAM - SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE COGNIÇÃO E ARTES MUSICAIS**, São Paulo: USP/FFLCH, 2008, p. 271-276.
- CARNEIRO, Aline Nunes. **Desenvolvimento musical e sensorio-motor da criança de zero a dois anos: relações teóricas e implicações pedagógicas**. Belo Horizonte, 2006. Dissertação (Mestrado em Música). Escola de Música. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.
- DELALANDE, F. **La música es un juego de niños**. Ricordi Americana S. A.E.C. Buenos Aires. 1995.
- GORDON, Edwin E., **Teoria de Aprendizagem Musical, competências, conteúdos e padrões**; tradução de Maria de Fátima Albuquerque. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- GORDON, Edwin E. **A Music Learning Theory for Newborn and Young Children**. Chicago, GIA publication, 2003.
- MALLOCH, S. **Mothers and Infants and communicative musicality**. *Musicae Scientiae*, Special Issue, 1999/2000, p. 29-57.
- MALLOCH, Stephen, TREVARTHEN, Colwyn. **Communicative Musicality**, Exploring the basis of human companionship. New York: Oxford Press, 2009, p. 29-57.
- PAPOUSEK, H. Musicality in infancy research: biological and cultural origins of early musicality. In.: DELIÈGE I & SLOBODA J. (Org). **Musical Beginnings: origins and development of musical competence**. Oxford: Oxford University Press.1996, p. 37-55.
- PAPOUSEK, M. Intuitive parenting: A hidden source of musical stimulation in infancy. In. DELIÈGE, I & SLOBODA, J. (Org). **Musical beginnings: Origins and development of musical competence**. Oxford: Oxford University Press.1996, p. 88-112.
- PARIZZI, Maria Betânia. O desenvolvimento da percepção do tempo em crianças de dois a seis anos: um estudo a partir do canto espontâneo. 2009. 232 f. **Tese** (Doutorado em Saúde e Música). Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009.
- PIAGET, Jean. **O Nascimento da Inteligência na Criança**. Trad. Álvaro Cabral. 4ªed. Rio de Janeiro: LTC, Científica Editora S.A. 1987/1966.
- SHIFRES, Favio. La ejecución parental: los componentes performativos de las interacciones tempranas. **Anais do VI encontro da SACCOM**: Universidade de La Plata, Argentina, 2007, p. 13-17.
- SPITZ, René A. **O primeiro ano de vida**: um estudo psicanalítico do desenvolvimento normal e anômalo das relações objetais. Trad. Erothildes Millan Barros da Rocha. São Paulo, Martins Fontes Editora LTDA, 1987.
- STAHLSCHMIDT, Ana Paula Melchior, A canção do desejo: da voz materna ao brincar com os sons, a função da música na estruturação psíquica do bebê e sua constituição como sujeito. 2002.321f. **Tese** (doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2002.
- WALLON, Henri. **Psicologia da Educação e da Infância**. Lisboa, Portugal: Editorial Estampa, 1975a.
- WINNICOTT, Donald W. **Tudo começa em casa**. Trad. Por Paulo Sandler. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.